

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

FUTEBÓIS, DISSIDÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Cláudia Samuel Kessler¹

Enrico Spaggiari²

Aprovado em: 13/08/2022

Nas duas últimas décadas, os estudos sobre futebol, assim como a ciência, num geral, expandiram uma visão antes limitada somente às práticas hegemônicas. Os debates considerados mais interessantes, até então, eram aqueles que envolviam temáticas econômicas, políticas ou sobre identidade nacional (DAMATTA, 1982), envolvendo o que se entende como futebol-espetáculo, principalmente as estruturas e dinâmicas relacionadas, por exemplo, aos clubes, torcidas e competições realizadas por homens e promovidas por entidades esportivas, como a Copa do Mundo da FIFA e o Campeonato Brasileiro Série A da CBF. É um futebol bastante restrito, tanto do ponto de vista dos profissionais que conseguem ascender até este nível como também em relação às pessoas que dispõem de recursos financeiros para acompanhar as partidas nos estádios ou comprar produtos licenciados.

A capa escolhida para este dossiê, de autoria de Cassimano, fotógrafo paulista e com olhar sensível às expressões periféricas, seja na arte, no esporte ou na música, carrega muito do que queremos trazer à luz. O trabalho de Cassimano captura a potência de corpos invisibilizados no cotidiano e que reivindicam espaços no cenário urbano e cinzento. A exemplo disso, escolhemos a fotografia de uma peneira de março de 2019, em que diversas garotas disputaram para representar a equipe Jardim

¹ Doutora em Antropologia Social pela UFRGS. Professora na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jornalista24h@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1292-6914>.

² Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Grupo de Estudos em Antropologia da Cidade (GEAC-USP), LabNAU (Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana-USP) e do LUDENS - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (USP). Fundador e editor do Site Ludopédio. Email: enricospaggiari@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7078-3827.

Jaqueline, na Taça de Favelas. Enquanto alguns vêm a favela como sinônimo de violência ou de algo indesejado, o olhar mais apurado percebe que as vidas que circulam nesse espaço, onde os campos não são verdes e bem cuidados (mas sim áridos, arenosos e com irregularidades), trazem vida a ele, com desejos e sonhos que muitas vezes não imaginamos.

Na fotografia da capa percebe-se a representatividade de mulheres na prática esportiva. Se pode ver um campo sem grama donde o chão batido serve como terreno para apresentar a força da bola chutada, enquanto homens que estão ao redor do campo torcem, admiram ou até mesmo criticam as práticas ali apresentadas. São corpos de mulheres jovens, de classes trabalhadoras, de pele não branca, que podem ser magras ou gordas e que podem subverter a sexualidade normativa, causando reações por ocupar o espaço público.

A visão mais voltada ao financeiro e ao rendimento, por vezes cega o olhar para os diversos futebolis existentes, para a diversidade que existe naquilo que se costuma classificar de maneira simplificada como “o futebol”. Dentre os possíveis futebolis, pode-se citar aquele que é praticado nas várzeas e que não é apenas sinônimo de sociabilidade e de lazer, mas também oportunidade de ganhos para alguns jogadores ou jogadoras, seja simbólica ou financeiramente.

O texto de **Roberta Pereira da Silva** aborda "**A importância do futebol de várzea para a população negra de São Paulo (SP)**" com um viés que traz a questão da racialidade a partir da fundação do Negritude Futebol Clube, equipe varzeana criada em 1980 por seis jovens negros. Roberta traz à luz um futebol que serve como potência e como resistência, inclusive como ambiente de luta pelo direito à cidade e seus campos, como revela o texto produzido por **Alberto Luiz dos Santos, Aira Bonfim e Enrico Spaggiari**, intitulado "**Mapeamento do futebol de várzea de São Paulo (SP): reflexões para processos de proteção ao patrimônio**". Neste texto, a várzea é trazida como lugar de reivindicação das camadas populares por um espaço cidadão que em muitos momentos lhes é negado. Espaços onde possam circular, expressar-se e serem valorizados pela potência dos seus corpos e de suas performances.

A mesma várzea que demanda e aciona diversos mecanismos de preservação nas grandes cidades, busca também reproduzir alguns preceitos mercadológicos do circuito espetacularizado. Com o passar do tempo, este futebol hegemônico foi

formatado para tornar-se um produto altamente rentável não apenas para jogadores, mas também para empresários, clubes e empresas que associam suas marcas a jogadores ou a clubes de futebol. O artigo de **Marina de Mattos Dantas**, intitulado **"Jogadores-peça, jogadores-produto e jogadores-empresa: elementos para a compreensão de diferenças geracionais nas categorias de base de futebol"** apresenta as diferenças entre as gerações futebolísticas e critica o futebol ligado meramente a questões mercadológicas, que se tornaram tão importantes para este esporte que movimentam um potente mercado de circulação de corpos. Extrapolando a paixão clubística (DAMO, 2007), a perspectiva da rentabilidade é bastante questionada por Marina, que vê a lógica empresarial e a racionalidade neoliberal como algo que afasta do lúdico, da paixão e da resistência.

A resistência observada em diversos espaços futebolísticos também foi encontrada na inserção das mulheres em ambientes inicialmente pensados e constituídos por homens e para homens. A dificuldade de mulheres entrarem nesta área esportiva é trazida por **Enny Vieira Moraes, Nivalda Pereira Coelho e Felipe Eduardo Ferreira Marta** no texto **"A importância da oralidade para os estudos sobre a mulher no futebol baiano: revisitando memórias"**. A partir do relato de duas atletas que atuaram no futebol de mulheres do interior baiano em meados das décadas de 1970 e 1980, são apresentadas histórias marcadas pela precariedade financeira e pela busca de recursos para continuar realizando uma prática que conferia às mulheres de camadas populares alguma visibilidade e reconhecimento social.

De fato, o futebol é um espaço que no Brasil é muito ligado à expressão das masculinidades, como mostra o artigo de **Eric Seger de Camargo e Guilherme Gomes Ferreira**, intitulado **"Inteligibilidade e hegemonia: diálogos com o futebol na relação com a cis-hetero-normatividade"**. Este texto questiona a cisheteronorma como parâmetro que organiza a vida esportiva, trazendo reflexão sobre a imposição de adequação a corpos que desafiam a norma, tais como as identidades não binárias, as travestis e intersexo. É um futebol que subverte e que tem se organizado também em grupos de jogadores de futebol trans (CAMARGO, 2020) que reivindicam espaço no campo esportivo.

Não apenas marcado pela binariedade e por uma masculinidade tradicional, assim como os diversos outros esportes, o futebol é também um reduto de expressão

de uma heteronormatividade. No artigo "**A Coligay dentro da pedagogia do torcer**", os autores **Gustavo Bandeira e Luiza Aguiar dos Anjos** apresentam uma torcida organizada vanguardista, que com assiduidade marcava presença nas partidas do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Era composta por homossexuais que se apresentavam de maneira considerada muito animada, original e afeminada. Esta torcida era denominada por muitos como "corajosa", pois apresentava sexualidades dissidentes em plena época de Ditadura Militar.

Por fim, dentro de um futebol regido não só por lógicas financeiras e heteronormativas, mas também por discursos tecnocientíficos que idealizam corpos adornados e sarados, a gordura corporal pode ser percebida como algo incômodo. Neste sentido, **Cláudia Samuel Kessler e Viviane Teixeira Silveira** escrevem em "**Dobras incômodas: entre corpos gordos e práticas esportivas**" sobre a influência da cultura na análise dos corpos esportivos. Enquanto alguns profissionais do futebol foram duramente criticados por apresentarem corpos com excesso de gordura, esse mesmo excesso de massa corporal pode ser considerado positivo em outros esportes, tais como jiu-jitsu e handebol. As autoras apresentam figuras esportivas que demonstram potência em suas apresentações e que fazem com que se repensem parâmetros biomédicos muito reproduzidos em nossa sociedade. Esses parâmetros, muitas vezes atrelados a discursos da área da saúde, pouco representam o bom funcionamento dos corpos e sequer alcançam a complexidade de cada particularidade corporal.

Percebe-se, assim, que os textos reunidos para este dossiê buscam, a partir de um esforço interdisciplinar e transregional, não só descrever a profusão de circuitos futebolísticos (DAMO, 2018) no Brasil, mas também revelar como essa diversidade de formas de se viver e jogar atravessa recortes, temas e contextos que não estão restritos somente ao universo esportivo. Embora não possa ser tomado como um balanço totalizante do que se tem produzido nas universidades brasileiras, os sete artigos abrangem um conjunto difuso e heterogêneo de práticas dissidentes, cujos arranjos criativos rejeitam e subvertem os mecanismos reguladores e purificadores das configurações convencionais, desvelando intolerâncias, assimetrias e desconfortos.

Não à toa que estas expressões corporais e esportivas insurgentes se constituem também como experiências estéticas e políticas que mobilizam

engajamentos e formas de resistência à estrutura social hegemônica (heteronormativa, machista, racista, neoliberal e espetacularizada). Em meio às controvérsias que as cercam, criam importantes espaços coletivos de discussão em contextos marcados por múltiplas violências e formas de injustiça.

Esperamos que os artigos aqui reunidos estimulem novas pesquisas e reflexões arrojadas, autônomas, inclusivas e éticas que, assim como as práticas dissidentes, têm muito a contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária, justa e plural.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Wagner Xavier de. Transmasculinidades no/do futebol. *Ludopédio*, São Paulo, v. 134, n. 21, 2020.

DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do. Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei. "Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política". *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set./dez. 2018.

SANTOLIN, Cezar Barbosa; RIGO, Luiz Carlos. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. *Movimento*, v. 21, n. 1, p. 81-94, 2015.